

Por uma ética ecológica integral: um diálogo entre o pensamento do Papa Francisco e o pensamento da filósofa Adela Cortina

*For an integral ecological ethics:
a dialogue between Pope Francis'
thought and the thought of philosopher Adela Cortina*

*Adriano Gomes Soares Pessanha
Bruno Moreira Rodrigues*

Resumo

A presente pesquisa aborda a ética ecológica integral como uma proposta de solução para a crise socioambiental. O principal objetivo é apresentar uma práxis ecológica humanizadora em favor dos vulneráveis e das demais criaturas. Destarte, reconhecer a raiz humana da crise ecológica torna-se condição indispensável para a promoção de uma ecologia integral, que reconheça a dignidade do outro e das demais criaturas. E, assim, exigir a responsabilidade das instituições, pois são articuladoras das relações humanas. A presente reflexão teológica propõe oferecer uma articulação entre antropologia e cosmologia, bem como apresentar caminhos para o agir ético em tempos de crise. Portanto, o percurso metodológico fará uma comunicação entre a ecologia integral do Papa Francisco e o pensamento da filósofa espanhola Adela Cortina acerca da aporofobia. Assim, são propostas a dignidade e a compaixão como as duas chaves éticas para a construção das bases de uma democracia cósmica por meio de uma educação das consciências para a sustentabilidade e pela criação de instituições financeiras com responsabilidade social. O escopo desta pesquisa passa por uma espiritualidade cósmica para que o agir ético ganhe sustentação a fim de conseguir promover a comunhão universal como um compromisso de justiça e de fé.

Palavras-chave: Ética ecológica integral. Crise socioambiental. Aporofobia.

Abstract

The present research addresses integral ecological ethics as a proposed solution to the socio-environmental crisis. The main objective is to present a humanizing ecological praxis in favor of the vulnerable and other creatures. Therefore, recognizing the human root of the ecological crisis becomes an indispensable condition for the promotion of an integral ecology, which recognizes the dignity of the other and of other creatures. And, thus, demand responsibility from institutions, since they are the articulators of human relations. The present theological reflection proposes to offer an articulation between anthropology and cosmology, as well as to present paths for ethical action in times of crisis. Therefore, the methodological path will make a communication between Pope Francis' integral ecology and the thought of the spanish philosopher Adela Cortina about aporophobia. Thus, dignity and compassion are proposed as the two ethical keys to building the foundations of a cosmic democracy through an education of consciences on sustainability and the creation of financial institutions with social responsibility. The scope of this research is a cosmic spirituality for ethical action to be sustained in order to promote universal communion as a commitment to justice and faith.

Keywords: Integral ecological ethics. Socio-environmental crisis. Aporophobia.

Introdução

A chamada crise ecológica é ampla, complexa e representa um grande desafio para o mundo globalizado. O aquecimento global e a poluição do solo, da água e da atmosfera têm mostrado que os recursos materiais não são infinitos e os seres mais ameaçados são os pobres. Destarte, a crise é socioambiental, pois o ser humano faz parte da natureza. Fica, então, a pergunta: quais propostas oferecer teologicamente para este problema?

Neste sentido, é imprescindível propor um agir ético ecológico humanizador e integrador em favor dos vulneráveis e das demais criaturas. Primeiramente deve-se reconhecer a raiz humana da crise ecológica. Em seguida, propor uma ecologia integral, por meio de uma educação sustentável que estimule o reconhecimento da dignidade do outro e das criaturas. E, enfim, exigir a responsabilidade das instituições, pois são articuladoras das relações humanas.

A opção metodológica assumida foi a revisão bibliográfica dos escritos do Papa Francisco sobre ecoteologia e de Adela Cortina acerca da aporofobia, mostrando a interação que há entre as reflexões dos dois pensadores e comprovando que a crise é sempre socioambiental e a sua solução deve também ser de ordem socioambiental.

No pano de fundo da presente reflexão teológica, segue-se a ordem dos assuntos: a interligação entre a crise humana e a crise ecológica; a aporofobia como fator que aprofunda a crise socioambiental e a necessidade de uma ecologia integral; e a ética ecológica integral pautada na educação formal e informal, cuja sustentação repousa sobre uma espiritualidade cósmica como compromisso de justiça e de fé.

1. A crise ecológica e a crise humana

Na atualidade, o mundo globalizado encontra-se diante de duas grandes crises que o envolve: a crise ecológica e a crise humana. Ambas são geradoras de inúmeros perigos e riscos para a vida no planeta.

Assusta ver que a velocidade do progresso industrial contrasta com a lentidão natural da evolução biológica e com a reposição, no ambiente, das riquezas naturais extraídas para o consumo humano. Tais ações humanas, logicamente, não estão orientadas para o bem comum e para o desenvolvimento ecológico e humano sustentável e integral.¹

A verdade é que a tecnologia, cujo objetivo é trazer qualidade de vida e solução para tais problemas, não entende a dinâmica das relações harmônicas do cosmos e, por isso, acaba gerando outros problemas. Essa é a dinâmica do consumismo gerador da cultura do descarte que exclui muitas pessoas e converte outros seres vivos em lixo e o planeta num grande aterro sanitário.²

Consequentemente, as populações têm perdido a sensibilidade para com os outros e para com o mundo. A cultura do descarte tem conduzido, por exemplo, as pessoas a um insensível desperdício alimentar, enquanto tantos passam fome. A impressão é de que há níveis de seres humanos e alguns tem menos dignidade que outros (pobres, embriões humanos, idosos, deficientes, etc.) e, por isso, são sacrificáveis em prol de uma classe que consome sem limites.³

Com o aquecimento global, os pobres são os mais prejudicados do planeta, pois seus meios de subsistência (agricultura, pesca, etc.) são extremamente afetados. É triste ver também o aumento de emigrantes que, fugindo da miséria causada pela

¹ LS 18.

² LS 20-22.

³ FT 18.

degradação ambiental, chegam em outros países abandonados pelo poder local e pelas instituições.⁴ Percebe-se, assim, que a selvagem vontade de explorar a terra para obter qualidade de vida gera, na verdade, a sua piora.⁵

Todavia, se faz necessário sempre reafirmar que é possível encontrar formas de vida sustentável.⁶ O próprio relato da criação nos atesta que todo ser humano possui uma dignidade intrínseca e é capaz de comunhão com o semelhante e com todas as criaturas,⁷ pois foi criado à imagem e semelhança de Deus (Gn 1,26).

Os relatos bíblicos da criação sugerem que a existência humana se baseia sobre quatro relações de transcendência interligadas: as relações com Deus, consigo mesmo, com o outro e com a terra. Todavia, a ruptura interna e externa dessas relações, tal como foi o pecado de Adão e Eva e da sua descendência (Caim e Abel, o dilúvio, etc.), fez surgir o pecado. Em outras palavras, o pecado gera sempre uma ruptura de todas essas quatro relações fundamentais, pois tudo está interligado.⁸

Apesar disso, segundo o Papa Francisco, “a vida diária é sempre cósmica”⁹ e, portanto, o ser humano é convidado a reconhecer em cada ser vivo sua dignidade própria, pois eles possuem uma centelha divina do Criador que lhe são inerentes.¹⁰ Logo, é um grave erro considerar a pessoa humana e os outros seres vivos como meros objetos do lucro e do interesse.¹¹

Uma vez que cada criatura possui em si a presença da centelha divina, o fim último das criaturas não é o ser humano. Pelo contrário, todos os seres vivos caminham juntos para a meta comum, ou seja, “o ser humano, dotado de inteligência e amor e atraído pela plenitude de Cristo, é chamado a reconduzir todas as criaturas ao seu Criador”.¹² O destino do ser humano e do mundo estão compenetrados, pois a salvação possui uma dimensão cósmica.¹³

Por conseguinte, nessa relação de criação e salvação, o próprio Deus Criador estabeleceu o *Shabbath* (Gn 2,2-3), o ano sabático e o ano jubilar (Lv 25,1-6) e outras leis para impedir o domínio absoluto da terra e a escravidão, pois Dele é a terra (Sl

⁴ LS 25.

⁵ BOFF, L., *Ecologia*, p. 23.

⁶ QA 17.

⁷ LS 65.

⁸ LS 66-70.

⁹ QA 41.

¹⁰ CEC 339.

¹¹ LS 81-82.

¹² LS 83.

¹³ RUBIO, A. G., *Unidade na pluralidade*, p. 551.

24,1). Por essa razão, o Magistério da Igreja afirma que repousa uma hipoteca social sobre a propriedade.¹⁴ De fato, a terra pertence a todos os seres humanos.¹⁵

A correta interpretação do mandato de dominar a terra (Gn 1,28) é que Deus investiu o ser humano como jardineiro e administrador responsável pela criação e, portanto, ele é concriador do cosmos.¹⁶

Todavia, o ser humano, cego pelo pecado e fechado em si mesmo, desenvolveu uma antropologia cristã deficiente que só enxerga nessas passagens um mandato de exploração.¹⁷ Uma antropologia que rejeita a palavra de Deus manifesta no cosmos e apenas valoriza a palavra proclamada.¹⁸

A consequência disso, na atualidade, é a total dominação que o paradigma tecnocrático impõe aos países. Não é mais a técnica e a ciência que estão a serviço da vida humana e do mundo. Pelo contrário, é o indivíduo que, não conseguindo pensar noutro estilo de vida, se submete a este paradigma apocalíptico: “mais do que a consciência de um apocalipse brusco, [o filósofo Hans Jonas] percebeu o sentimento de um possível apocalipse gradual decorrente do perigo crescente dos riscos do progresso técnico global e seu uso imprudente”.¹⁹

O antropocentrismo moderno colocou a razão tecnicista acima da realidade, porque o ser humano não reconhece mais os outros e a natureza em seu valor próprio muito menos se reconhece como parte do mundo que ele explora.²⁰ Conduzindo o indivíduo à solidão e ao narcisismo pela ruptura das relações, este antropocentrismo inverteu a *imago Dei* e fez Deus e o mundo à medida do humano. Talvez aí esteja a origem de muitos ateísmos.²¹

Todas estas considerações fazem entender que a crise ecológica tem sua raiz na crise humana. Logo, segundo Francisco: “Não haverá uma nova relação com a natureza, sem um ser humano novo. Não há ecologia sem uma adequada antropologia”.²² Por conseguinte, o ser humano “necessita infinitamente do cosmo para ser homem”²³ e a salvação de Deus, por Jesus Cristo, gera perdão, conversão e reorientação de todas as relações fundamentais.²⁴

¹⁴ SRS 42.

¹⁵ CORTINA, A., Aporofobia, p. 161.

¹⁶ CA 37.

¹⁷ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 20-21.

¹⁸ RUBIO, A. G., Unidade na pluralidade, p. 545-547.

¹⁹ PESSINI, L.; SIQUEIRA, J. E.; HOSSNE, W. S., Bioética em tempo de incertezas, p. 46.

²⁰ LS 115.

²¹ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 22-24.

²² LS 118.

²³ GESCHÉ, A., O cosmo, p. 24-25.

²⁴ PEDROSA-PÁDUA, L., Cosmologia teológica para uma renovação antropológica, p. 141.

2. Aporofobia e ecologia integral

A crise ecológica tem uma raiz humana. E a crise humana é geradora de muitas fobias na sociedade. Dentre as inúmeras formas de aversão, podemos citar a xenofobia, cristianofobia, a islamofobia, a homofobia, entre outros.

Apesar da diversidade de medos, todos eles possuem a sua raiz na aporofobia (aversão ao pobre). Um tipo de aversão que precisa ser nominada, porque é impossível lutar contra um inimigo invisível e causador de tanta maldade.²⁵

Por exemplo, o pano de fundo da aversão ao estrangeiro numa sociedade não é o fato de ser estrangeiro, pois turistas e emigrantes ricos são sempre bem recebidos. Neste caso, há uma xenofilia. O verdadeiro problema acontece quando o estrangeiro é pobre. Neste caso há, sim, xenofobia, uma vez que ele não tem nada a oferecer e é sempre visto como um problema ou perigo. Da mesma forma, acontece com as outras fobias, elas são apenas uma máscara para o verdadeiro problema: a aporofobia.²⁶

Os pressupostos da aporofobia são bem antigos. Primeiramente, o próprio cérebro humano é aporóforo; pois, desde os primórdios, o ser humano, movido pelo instinto de sobrevivência, está sempre inclinado a estranhar e a se afastar dos diferentes, dos desconhecidos e dos pobres.²⁷ A desculpa é que estas pessoas representam um risco à segurança pública.²⁸ Todavia, o cérebro humano possui plasticidade e sua construção é biossocial. Em outras palavras, ele aprende a conviver. Basta explorar esta sua capacidade.²⁹

Em segundo lugar, as sociedades atuais são contratualistas, isto é, os grupos sociais se aproximam movidos por interesses. E como, para esta visão preconceituosa, os pobres não têm nada para oferecer, eles são rejeitados,³⁰ o que nos recorda o ensinamento de Jesus: “Com efeito, se amais aos que vos amam, que recompensa tendes? Não fazem também os publicanos a mesma coisa?” (Mt 5,46).

“Tanto a experiência comum da vida ordinária como a investigação científica demonstram que os mais graves efeitos de todas as agressões ambientais os sofrem as pessoas mais pobres”.³¹ Justamente porque não há, por exemplo, nenhuma preocupação com pobres e povos indígenas acerca dos

²⁵ CORTINA, A., Aporofobia, p. 24-25.

²⁶ CORTINA, A., Aporofobia, p. 14.

²⁷ CORTINA, A., Aporofobia, p. 73-75.

²⁸ PEDROSA-PÁDUA, L., Da indiferença e da aporofobia à hospitalidade, p. 13.

²⁹ CORTINA, A., Aporofobia, p. 81.

³⁰ PEDROSA-PÁDUA, L., A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia, p. 1496.

³¹ CONFERENCIA EPISCOPAL BOLIVIANA, Carta pastoral El universo, n. 17.

impactos ambientais, quando são executados planejamentos urbanos e industriais. Portanto, o pobre é o ser mais ameaçado do planeta.³²

Toda essa aversão e indiferença ao drama humano afeta igualmente o meio ambiente. Obviamente, aqueles que não se sensibilizam com o pobre, com o imigrante, com o embrião humano e com as crianças órfãs, também não se importarão com as questões ecológicas, pois perderam a noção de liberdade e de responsabilidade. Pelo contrário, verão as pessoas vulneráveis, os outros seres vivos e a natureza como meros objetos.³³

Por essa razão, como ensina o Papa Francisco, para curar todas as relações humanas fundamentais, deve-se buscar uma ecologia integral: uma ecologia que cuide simultaneamente do meio ambiente e da humanidade. A crise é socioambiental,³⁴ uma vez que a mediação das relações humanas passa pelo cosmo.³⁵

Bento XVI afirma que ao lado da ecologia cósmica, há uma ecologia humana, que, por sua vez, requer uma ecologia social.³⁶ Estas dimensões compõem a ecologia integral ensinada pelo Papa Francisco.

Para o Papa Francisco, ecologia integral é fazer valer as riquezas das culturas regionais e colocar os moradores locais como protagonistas nas decisões acerca dos projetos de impacto ambiental em suas regiões, levando em conta a sua sabedoria ancestral. Precisa-se promover sem invadir e cultivar sem enfraquecer a identidade, pois apenas estas populações podem dizer o que desejam para sua vida.³⁷

Para o pontífice, negar estes direitos seria injustiça e crime, uma vez que o desaparecimento das culturas e a imposição de um estilo de vida hegemônico são tão nocivos quanto a destruição da natureza.³⁸

A ecologia integral acontece também quando há uma melhora global na qualidade de vida. Muitos indicadores nos apontam esta meta, especialmente, os espaços onde transcorrem a existência humana. Possuir a casa própria é basilar para o desenvolvimento das famílias e para a dignidade das pessoas. Mas a crise habitacional é um problema mundial que tem afetado a maioria das pessoas.³⁹

Apesar disso, é incrível a criatividade de pessoas e grupos que vencem as limitações de desordem e de precariedade dos aglomerados urbanos e produzem uma vida social positiva e agradável. É louvável a superação promovida por essas pessoas pobres que criam entre elas, mesmo diante da densidade populacional e da sensação

³² BOFF, L., *Ecologia*, p. 156.

³³ LS 117-118.

³⁴ LS 119-120.139.

³⁵ GESCHÉ, A., *O cosmo*, p. 37.

³⁶ BENTO XVI, PP., *Dia mundial da paz*, n. 8.

³⁷ QA 14.28.

³⁸ LS 145.

³⁹ LS 147.152.

de sufocamento, redes comunitárias de comunhão, fraternidade e solidariedade. Transformam a vida triste de uma comunidade carente em vida bela.⁴⁰

Sem perceber, estas pessoas põem em prática um dos objetivos mais elevados da Doutrina Social da Igreja: a mútua confiança. “Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo desta integração um fator de progresso!”⁴¹

Por conseguinte, a proposta da ecologia integral prevê que a ecologia humana e social se entrelacem reciprocamente com a ecologia cósmica.

Fala-se tanto em investimento para alcançar o nível de vida sustentável, todavia, de nada adianta investir pesado em tecnologias e projetos e não formar as pessoas para uma consciência ecológica. Não basta o dinheiro. É necessário formação ética da população e força de vontade do poder político.⁴²

“De satã da Terra, o ser humano deve educar-se para ser o anjo da guarda, capaz de salvar a Terra, sua pátria cósmica e mãe terrenal”.⁴³ A humanização do ser humano passa pela superação da crise ecológica, que é uma crise nas relações – com Deus, consigo mesmo, com os outros e com o cosmo.⁴⁴ E Cristo Ressuscitado é, ao mesmo tempo, modelo e restaurador da capacidade de transcendência do ser humano.⁴⁵

3. Ética ecológica integral

“Abrir-se ao mundo” é a atitude que dever-se-ia tomar para solucionar a crise socioambiental. Porém, o egoísmo humano fez o capitalismo se apropriar desta expressão e lhe dar o sentido de liberdade econômica para investimento estrangeiro.⁴⁶ Pensa-se que a maximização dos ganhos é o suficiente; mas o mercado não garante o desenvolvimento sustentável.⁴⁷

Faz-se mister pensar em um agir ético inclusivo que promova a relação humano-natureza e pense o cosmo como lugar da preocupação ética.⁴⁸ Ou seja, uma ética ecológica integral.⁴⁹

⁴⁰ LS 148.

⁴¹ EG 210.

⁴² LS 192.196.

⁴³ BOFF, L., *Ecologia*, p. 155.

⁴⁴ PEDROSA-PÁDUA, L., *Cosmologia teológica para uma renovação antropológica*, p. 147.

⁴⁵ QA 22.

⁴⁶ FT 12.

⁴⁷ CV 35.

⁴⁸ GESCHÉ, A., *O cosmo*, p. 38-39.

⁴⁹ BOFF, L., *Ecologia*, p. 187.

Segundo Cortina, apesar de o progresso moral não ser herdado geneticamente, mas formado em cada ser humano; o cérebro é plástico e sua construção é biossocial. Esta condição permite abertura do humano à alteridade e ao reconhecimento da dignidade do outro e da natureza.⁵⁰

Esse agir ético almeja restaurar as relações de harmonia; formar a consciência pessoal para o diálogo com os próximos e com os distantes; reconhecer o outro como pessoa e vice-versa, pois o reconhecimento mútuo promove a humanização dos indivíduos. Assim, esse reconhecimento compassivo estabelece as bases de uma democracia inclusiva e de uma ética ecológica pautadas em justiça, dignidade, respeito mútuo, solidariedade, cidadania e compaixão.⁵¹

Por sua vez, o Papa Francisco ressalta que não basta que cada um seja melhor. “A conversão ecológica, que se requer para criar um dinamismo de mudança duradoura, é também uma conversão comunitária”.⁵²

Esta conversão será alcançada quando as pessoas se fizerem próximas dos pobres e se envolverem emocionalmente com eles.⁵³ Ao tomarem tal atitude, descobrirão a riqueza que há em cada um deles, pois ninguém é tão rico que não possa receber nada e ninguém é tão pobre que nada tenha a oferecer. Em suas histórias há “ilhas de vida” e de humanização.⁵⁴

Reconhecer a riqueza do pobre é o passo que permite promovê-lo socialmente a fim de que ele alcance sua autarquia.⁵⁵ Ademais, o reconhecimento da riqueza dos mais vulneráveis – maiores vítimas do desastre ecológico – conduz ao reconhecimento da criação e das criaturas.⁵⁶

A economia para ser plena de sentido precisa produzir bem-estar para todos, inclusive os pobres, pois a pobreza sempre é evitável,⁵⁷ assim como a degradação dos ecossistemas. Por outro lado, saber que a miséria é evitável ainda não faz da sua erradicação um dever, pois há pouca vontade dos órgãos responsáveis para pôr em prática as leis que visem a vida sustentável.⁵⁸

⁵⁰ CORTINA, A., Aporofobia, p. 81.

⁵¹ CORTINA, A., Aporofobia, p. 100-101.

⁵² LS 219.

⁵³ PEDROSA-PÁDUA, L., A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia, p. 1497.

⁵⁴ PEDROSA-PÁDUA, L., Da indiferença e da aporofobia à hospitalidade, p. 21.

⁵⁵ CORTINA, A., Aporofobia, p. 43.

⁵⁶ QA 54.

⁵⁷ CORTINA, A., Aporofobia, p. 133-134.

⁵⁸ LS 175.

Este divórcio entre teoria e prática tem sua origem na fraqueza moral,⁵⁹ a qual os cristãos chamam pecado original: “Com efeito, não faço o bem que quero, mas pratico o mal que não quero” (Rm 7,19).

Portanto, para empenhar-se em coisas tão grandes não bastam as doutrinas.⁶⁰ Faz-se necessário dar sustentação à ética ecológica integral com a mística e a espiritualidade.⁶¹ Deste modo será possível produzir dignidade e compaixão nas relações para gerar uma sociedade inclusiva.

Neste sentido, as religiões monoteístas são pioneiras na tese de que o fim da pobreza é um compromisso de justiça para todos, como também, um compromisso de fé,⁶² pois Deus ama todas as suas criaturas. O próprio Jesus diz acerca dos pardais que “nenhum deles é esquecido diante de Deus!” (Lc 12,6).

Cortina apresenta a educação formal (escolas e instituições, etc.) e informal (a família, a vizinhança) e a constituição de instituições que promovam a justiça e a compaixão como as duas chaves da ética para superar esse mundo de discriminações.⁶³

A formação da consciência pessoal pela educação ambiental e inclusiva tem ampliado os seus objetivos, principalmente buscando o equilíbrio das relações humanas fundamentais a fim de reconciliá-las.⁶⁴

A educação sustentável gera novos hábitos nas pessoas e nos grupos humanos,⁶⁵ lembrando-nos da responsabilidade social dos consumidores, por exemplo, na hora de comprar produtos de empresas preocupadas com a causa ecológica. Isto é, comprar é sempre um ato moral.⁶⁶

Vários são os âmbitos educativos. Todavia, dentre eles, a família possui uma importância central, pois nela são cultivados os primeiros hábitos de amor e de cuidado da vida, de respeito ao semelhante e à natureza. “A família é o lugar da formação integral, onde se desenvolvem os distintos aspectos, intimamente relacionados entre si, do amadurecimento pessoal”.⁶⁷

⁵⁹ CORTINA, A., Aporofobia, p. 66.

⁶⁰ EG 261.

⁶¹ BOFF, L., Ecologia, p. 22.

⁶² CORTINA, A., Aporofobia, p. 137-138.

⁶³ CORTINA, A., Aporofobia, p. 31.

⁶⁴ LS 210.

⁶⁵ QA 58.

⁶⁶ CV 66.

⁶⁷ LS 213.

Além disso, a superação da aporofobia e da crise ecológica passa pelo cuidado da saúde de todas as instituições, inclusive as financeiras; pois as instituições, de modo geral, são reguladoras das relações humanas.⁶⁸

O caminho de superação, segundo Cortina, possui cinco propostas. Em primeiro lugar, deve-se promover a igualdade de oportunidades pela igualdade de acesso à saúde, à educação, ao crédito para financiar a acumulação de capital humano e igualdade de tratamento de todos os cidadãos pelo Estado. “Criar instituições que eliminem a pobreza e reduzam as desigualdades é a melhor forma em que a economia poderá contribuir para erradicar a aporofobia”.⁶⁹

Em segundo lugar, precisa-se unir a economia global aos ideais universais. Trata-se da ação conjunta de governos e instituições financeiras na defesa dos direitos humanos. A tarefa dos governos é proteger estes direitos, mas as instituições devem respeitá-los e devem pressionar os agentes políticos para “mudar legislações deficientes, valendo-se de sua influência e se convertendo em agentes de justiça”.⁷⁰

A terceira proposta é assumir a Responsabilidade Social Empresarial (RSE) como uma questão de prudência e de justiça. Dentro desta proposta, o modelo mais adequado seria aquele em que as empresas levam em conta o benefício de todas as pessoas afetadas pela sua atividade.⁷¹

Em quarto lugar, precisa-se promover a geração de instituições financeiras que, fugindo do modelo convencional, não priorizem o lucro, mas evitem a exclusão e visem a satisfação das necessidades sociais. Este modelo chamado de “economia social e solidária” tem como objetivos primordiais empoderar as pessoas, cuidar do meio ambiente, priorizar a geração de empregos e orientar a sua atividade de maneira ética. Tal proposta se transforma em “um lugar de encontro entre o setor social e o econômico e pode ser um bom meio para empoderar os pobres”.⁷²

A diversificação produtiva e criativa, segundo o Papa Francisco, “pode ser uma maneira muito fecunda de promover a região onde instala os seus empreendimentos, sobretudo se pensa que a criação de postos de trabalho é parte imprescindível do seu serviço ao bem comum”.⁷³

A última proposta é cultivar entre a economia e as instituições as diferentes motivações da racionalidade econômica. Estas estão enraizadas em uma outra

⁶⁸ LS 142.

⁶⁹ CORTINA, A., *Aporofobia*, p. 144.

⁷⁰ CORTINA, A., *Aporofobia*, p. 145.

⁷¹ CORTINA, A., *Aporofobia*, p. 145-146.

⁷² CORTINA, A., *Aporofobia*, p. 146-147.

⁷³ LS 129.

forma de vínculo humano: a aliança. “A aliança daqueles que se reconhecem mutuamente como pessoas dotadas de dignidade, não de um simples preço, como pessoas vulneráveis, necessitadas de justiça, mas, também, de cuidado e compaixão”.⁷⁴ Do respeito pela dignidade do outro, nascem vínculos de pertencimento mútuo que obrigam à justiça.⁷⁵

As propostas apresentam, enfim, a base de uma democracia inclusiva que é, ao mesmo tempo, sociedade cósmica e fraternidade universal.⁷⁶ Deste modo, São Francisco de Assis é o maior exemplo de vivência cósmica integrada. Ele intuiu a necessidade “de formar com os outros seres vivos do universo uma estupenda comunhão universal”,⁷⁷ pois tudo está interligado.

Conclusão

O Papa Francisco apresenta a crise ecológica como um grave problema mundial. Ele demonstra que a destruição da natureza tem sua raiz na crise humana, pois o ser humano é um ser de relações e o pecado é o rompimento delas. Logo, a solução das crises passa pela cura de todas as relações humanas fundamentais, pois tudo está interligado.

Neste sentido, a comunicação entre o pensamento do Sumo Pontífice acerca da ecologia integral e o pensamento da filósofa Adela Cortina sobre a aporofobia traz grande contribuição para a reflexão atual. Deve-se pensar em uma ecologia cósmica que passe pela ecologia humana e social, pois a experiência da crise ambiental vivida pelo mundo evidencia que os pobres são os seres vivos mais ameaçados do planeta. De fato, quem não se sensibiliza com os vulneráveis também não terá responsabilidade com o planeta.

Uma vez que o ser humano é parte integrante da terra (Gn 2,7), precisa-se repensar a relação humano-natureza e afirmar o cosmo como lugar da preocupação ética, de modo a curar as relações e reconhecer cada ser do planeta com compaixão em sua dignidade. Francisco e Adela Cortina apresentam a formação ética das consciências para a vida sustentável como forma de superação da aporofobia e da crise ecológica.

A partir disso, se faz necessário criar cada vez mais instituições financeiras que tenham responsabilidade socioambiental. Com sua força, estas instituições podem ajudar a pressionar os governos para protegerem a natureza e os pobres.

⁷⁴ CORTINA, A., Aporofobia, p. 147-148.

⁷⁵ PEDROSA-PÁDUA, L., A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia, p. 1493.

⁷⁶ BOFF, L., Ecologia, p. 281-282.

⁷⁷ LS 220.

Enfim, esse agir ético precisa fundamentar-se numa espiritualidade cósmica para ganhar sustentação e motivação, a fim de conseguir promover a comunhão universal como um compromisso de justiça e de fé.

Referências bibliográficas

BENTO XVI, PP. **Carta encíclica *Caritas in Veritate* sobre o desenvolvimento humano integral na caridade e na verdade**. 2009. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_benxvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html>. Acesso em: 05 mai. 2022.

BENTO XVI, PP. **Mensagem para a celebração do dia mundial da paz de 01 de janeiro de 2007**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/messages/peace/documents/hf_ben-xvi_mes_20061208_xl-world-day-peace.html>. Acesso em: 05 mai. 2022.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2003.

BOFF, L. **Ecologia: grito da terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CONFERENCIA EPISCOPAL BOLIVIANA. **Carta pastoral El universo, don de Dios para la vida: Carta Pastoral sobre Medio Ambiente y Desarrollo Humano en Bolivia**. La Paz: Fundación Jubiléo, 2012. Disponível em: <<http://fmclimaticas.org.br/wp-content/uploads/2014/03/Carta-Pastoral-sobre-Medio-Ambiente-Conf-Episcopal-Boliviana.pdf>>. Acesso em: 02 mai. 2022.

CORTINA, A. **Aporofobia, el rechazo al pobre**. Un desafío para la democracia. Barcelona / Buenos Aires / México: Paidós, 2017.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Fratelli Tutti* sobre a fraternidade e a amizade social**. 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html>. Acesso em: 02 mai. 2022.

FRANCISCO, PP. **Carta encíclica *Laudato Si'* sobre o cuidado da casa comum**. 2015. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html>. Acesso em: 02 mai. 2022.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. São Paulo: Loyola, 2013.

FRANCISCO, PP. **Exortação apostólica pós-sinodal *Querida Amazônia***. São Paulo: Paulus, 2020.

GESCHÉ, A. **O cosmo**. São Paulo: Paulinas, 2004.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica *Centesimus Annus* no centenário da *Rerum Novarum***. 1991. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html>. Acesso em: 02 mai. 2022.

JOÃO PAULO II, PP. **Carta encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* pelo vigésimo aniversário da encíclica *Populorum Progressio***. 1987. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jpii_enc_30121987_sollicitudo-rei-socialis.html>. Acesso em: 02 mai. 2022.

PEDROSA-PÁDUA, L. A opção preferencial pelos pobres diante da aporofobia: reflexões antropológicas para uma atualização da opção de Puebla. **Horizonte**, v.17, n.54, p. 1479-1502, set./dez. 2019. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/issue/view/1179>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

PEDROSA-PÁDUA, L. Cosmologia teológica para uma renovação antropológica: caminhos de interação a partir de A. García Rubio e A. Gesché. In: GONZAGA, W.; MORAES, A. O.; CARDOSO, M. T. F. (Orgs.). **Religião e crise socioambiental**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2020. p. 137-151.

PEDROSA-PÁDUA, L. Da indiferença e da aporofobia à hospitalidade: uma reflexão antropológica diante da crise migratória. **Pistis & Praxis**, v.12, n.1, p. 05-25, jan./abr. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/25563/24190>>. Acesso em: 05 mai. 2022.

PESSINI, L.; SIQUEIRA, J. E.; HOSSNE, W. S. **Bioética em tempo de incertezas**. São Paulo: Loyola / São Camilo, 2010.

RUBIO, A. G. **Unidade na pluralidade**. O ser humano à luz da fé e da reflexão cristãs. São Paulo: Paulus, 2001.

Adriano Gomes Soares Pessanha

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: adrianogsp1@gmail.com

Bruno Moreira Rodrigues

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica
do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro / RJ – Brasil
E-mail: brunocor28@hotmail.com

Recebido em: 31/07/22

Aprovado em: 26/09/22